

A INSPIRAÇÃO POÉTICA

PLATÃO. *Íon*, 530 b – 536 d.

SÓCRATES: [530 b] Na verdade, Íon, muitas vezes eu tive inveja de vós, os rapsodos; por vossa arte. Com efeito, é conveniente que vós, por vossa parte, cuideis do corpo de forma a vos mostrardes os mais belos possível e ao mesmo tempo vos é necessário viver em companhia de muitos outros poetas bons e sobretudo na companhia de Homero, o melhor e o mais divino dos poetas, e apreender o pensamento dele, e não só os versos. [c] Pois ninguém se tornaria rapsodo se não compreendesse o que o poeta diz, já que o rapsodo deve se tornar o intérprete do pensamento do poeta aos que o ouvem. E quem não conhece o que diz o poeta é incapaz de realizar essa tarefa. E tudo isso é digno de inveja.

ÍON: Tens razão, Sócrates. Pelo menos para mim é este o aspecto de minha arte que me tem dado maior trabalho e creio que entre todos sou eu quem fala melhor sobre Homero. [d] Nem Metrodoro de Lâmpsaco nem Estesíbroto de Tassos nem Glauco, nem nenhum outro dos que já existiram pode dizer tantos e tão belos pensamentos sobre Homero quanto eu.

SÓ.: Falaste bem, Íon, e é claro que não te recusarás de demonstrar o que acabas de dizer.

ÍON: E vale a pena ouvir, Sócrates, como eu adornei Homero tão bem que eu acredito merecer ser coroado com uma coroa de ouro pelos Homéridas.

SÓ.: Está bem. Também eu um dia terei tempo em ouvi-lo. [531] Mas agora, responde-me apenas isto: tu és bom só em Homero ou também em Hesíodo e Arquíloco?

ÍON: De forma alguma. Só em Homero. Isto me parece suficiente.

SÓ.: E há algo sobre o que Homero e Hesíodo falam a mesma coisa?

ÍON: Creio que sim, e muitas. Pelo menos é o que me parece.

SÓ.: E dessas coisas, tu discorrerias melhor sobre o que diz Homero ou sobre o que diz Hesíodo?

ÍON: Discorreria de um modo semelhante sobre aquelas coisas sobre as quais eles falam de modo semelhante.

SÓ.: [b] E sobre aquilo sobre o que eles não dizem as mesmas coisas, como por exemplo sobre a arte divinatória de que Homero e Hesíodo falam alguma coisa?

ÍON: Perfeitamente.

SÓ.: E então? A respeito de tudo quanto esses dois poetas falam de maneira igual sobre a arte divinatória e a respeito de tudo quanto falam de maneira diferente quem discorreria melhor: tu ou um adivinho dos bons?

ÍON: Um adivinho.

SÓ.: E se tu fosses um adivinho? Se tu estivesses em condição de discorrer sobre as passagens em que eles estão de acordo, não poderias também discorrer sobre as passagens em que eles não estão de acordo?

ÍON: É claro que sim.

SÓ.: [c] Afinal o que é isso? Tu és hábil em Homero e não és em Hesíodo nem em outros poetas? Será que Homero fala de temas diferentes daqueles abordados por outros poetas? Acaso ele não discorre muitas vezes sobre a guerra e sobre as relações dos homens entre si, de homens bons e de homens maus, de homens comuns e de artesãos e sobre as relações dos deuses entre si e com os homens e como são essas relações e sobre os fenômenos celestes e sobre o mundo do Hades e sobre as gerações dos deuses e heróis? [d] Não são estes os temas sobre os quais trata a poesia de Homero?

ÍON: É verdade, Sócrates.

SÓ.: E então? Os outros poetas não tratam desses mesmos temas?

ÍON: Sim, Sócrates, mas não o fizeram da mesma maneira como Homero.

SÓ.: O quê? Fizeram-no de maneira pior?

ÍON: E muito.

SÓ.: E Homero? Ele o fez melhor?

ÍON: Melhor, é claro, por Zeus.

SÓ.: Então, caro amigo Íon, quando muitas pessoas falam a respeito de número e uma delas fala muito bem, eu suponho que se reconheceria aquela que fala bem...

ÍON: É o que eu digo.

SÓ.: [e] Nesse caso essa pessoa será a mesma que reconhecerá os que falam mal ou será outra pessoa?

ÍON: É a mesma, sem dúvida.

SÓ.: Então essa pessoa é aquela que possui a ciência dos números?

ÍON: É.

SÓ.: E quando muitas pessoas falam a respeito dos alimentos, sobre aqueles que são bons para a saúde e uma delas fala muito bem, será que é uma outra pessoa que reconhecerá quem fala bem porque fala bem ou é outra pessoa que reconhecerá quem fala pior porque fala pior? Ou será a mesma pessoa?

ÍON: É claro que é a mesma pessoa.

SÓ: E quem é ela? Como se chama?

ÍON: É o médico.

SÓ: Digamos, então, resumidamente, que a mesma pessoa reconhecerá sempre, quando muitas pessoas falam sobre as mesmas coisas, quem fala bem e quem fala mal; [532] ou então se ela não reconhecer quem fala mal é claro que não reconhecerá quem fala bem, pelo menos a respeito do mesmo tema.

ÍON: É isso mesmo.

SÓ: Então uma mesma pessoa se torna capaz de reconhecer uma e outra coisa.

ÍON: É.

SÓ: Tu afirmas, então, que tanto Homero quanto os outros poetas, entre os quais estão Hesíodo e Arquíloco, falam a respeito dos mesmos temas só que não de maneira semelhante; e que pelo menos um fala bem e os outros falam menos bem?

ÍON: E é verdade o que eu afirmo.

SÓ: Pois é. Então se tu reconheces quem fala bem, [b] serias capaz de reconhecer também os que falam menos bem porque falam menos bem?

ÍON: Parece-me que sim.

SÓ: Então, caro amigo, ao afirmarmos que Íon é hábil em Homero e em outros poetas não estaremos cometendo nenhum erro, já que ele mesmo concorda que uma mesma pessoa será juiz capaz de todos quantos porventura falam sobre as mesmas coisas. E os poetas, quase todos, falam das mesmas coisas.

ÍON: E qual é o motivo então, Sócrates, de que, quando alguém discorre sobre um outro poeta qualquer [c] eu não presto atenção e sinto-me incapaz de trazer para a conversação algo que vale a pena e fico cochilando, sem nenhuma arte; no entanto, assim que alguém se lembra de Homero, estou de novo esperto, presto atenção e tenho facilidade em falar?

SÓ: Não é difícil explicar isso, companheiro; bem ao contrário, está claro para qualquer um que tu és incapaz de falar sobre Homero por arte ou ciência. Com efeito, se tu fosses capaz por uma arte, tu serias capaz de falar também sobre todos os outros poetas, pois que a arte poética de alguma maneira é um todo, não é?

ÍON: Sim.

SÓ: [d] Então, se alguém toma uma outra arte em seu todo, seja ela qual for, o método de investigação é o mesmo para todas as artes? Queres saber, Íon, o que eu quero dizer com isso?

ÍON: Sim, Sócrates, por Zeus. Eu, pelo menos, sinto prazer em vos ouvir, vós, os sábios.

SÓ.: Quisera que tu estivesses dizendo a verdade, Íon. Sábios, de alguma forma, sois vós, os rapsodos e atores e aqueles cujos poemas vós cantais. Quanto a mim, nada digo além da verdade, como é natural a um homem comum. [e] E quanto ao que eu te perguntei há instantes, vê como é simples e vulgar e ao alcance do entendimento de qualquer um o que eu disse: que a investigação é a mesma se alguém toma uma arte em seu conjunto. Tomemos um exemplo: a pintura é uma arte em seu todo?

ÍON: É.

SÓ.: Portanto, também na pintura há e houve muitos pintores bons e muitos medíocres.

ÍON: Certamente.

SÓ.: Já viste alguém que é capaz de discorrer a respeito de Polignoto, filho de Aglaofonte, sobre o que ele pinta bem e sobre o que não, e não seja capaz de fazer o mesmo sobre outros pintores? [533] E quando alguém expõe as obras de outros pintores, ele cochila e fica indeciso e não tem o que acrescentar, quando é a respeito de Polignoto ou de algum outro pintor dos que ele quer, se se trata de emitir uma opinião a respeito de um só deles, ele acorda e presta atenção e tem facilidade em falar?

ÍON: Por Zeus que não.

SÓ.: Pois é. E na escultura, já viste alguém que a respeito de Dédalo, de Metião ou de Epeio, de Panopeu ou de Teodoro de Samos, [b] ou sobre qualquer outro escultor, e sobre um só deles, seja capaz de explicar o que de bom ele fez e no entanto em relação às obras dos outros escultores fica sem ação e cochila, não tendo nada a dizer?

ÍON: Não, por Zeus; não vi ninguém assim.

SÓ.: E nem também, pelo menos é o que eu penso, na arte do flautista, nem na arte do citarista e nem na rapsódia tu viste alguém que seja capaz de discorrer a respeito de Olimpo ou a respeito de Tamiras ou de Orfeu ou a respeito de Fêmio, [c] o rapsodo de Ítaca; contudo, a respeito de Íon de Éfeso esse alguém fica sem ação e incapaz de explicar aquilo que ele declama bem e aquilo que não.

ÍON: Não tenho condições de te contradizer, Sócrates, mas tenho consciência de uma só coisa: é que sobre Homero eu falo melhor do que ninguém e não tenho o menor constrangimento; e todos os outros afirmam que eu falo bem. Mas a respeito de outros poetas, não. Analisa bem o que é isso.

SÓ.: Não só estou percebendo isso, Íon, mas também estou disposto a te revelar o que isso significa para mim: [d] existe em ti uma coisa, isto é, o falar bem sobre Homero, que não é arte, como há pouco eu afirmei, mas uma força divina que te move, como naquela pedra que Eurípides chama de Magnética e o povo chama pedra de Hércules. Essa pedra não só atua sobre os próprios elos de ferro, mas ainda transmite força aos elos, de forma a poder fazer a mesma coisa que a pedra, isto é, atrair outros elos, [e] de maneira que às vezes fica pendente uma grande seqüência de elos de ferro; e é daquela pedra que provém a força para todos os elos. De igual maneira também a Musa, por ela mesma, faz inspirados; e através deles, outros se deixando arrebatar, forma-se uma cadeia. Com efeito, todos os poetas épicos, os bons, recitam esses belos poemas não graças a uma arte, mas por estarem inspirados pela divindade e possuídos por ela. Da mesma forma o fazem também os poetas líricos, os bons; como os coribantes dançam quando não estão em seu pleno juízo, [534] assim também os poetas líricos fazem esses belos poemas não estando em seu pleno juízo; ao contrário, quando entram na harmonia e no ritmo entram em transes báquicos e, possessos, como as bacantes, vão buscar mel e leite dos rios, possessos e não em seu pleno juízo, e também dos poetas líricos a alma realiza isso, como eles mesmos afirmam. Dizem-nos com efeito, os poetas líricos, [b] que é colhendo de fontes que vertem mel de certos jardins e vales das Musas que eles nos trazem seus versos. Como as abelhas, eles também voam, e falam verdade. Pois o poeta é coisa ligeira e alada, e sagrada; e incapaz de criar antes de se tornar inspirado pela divindade e de ficar fora de si e com o juízo ainda não habitando nele; enquanto não tem esse dom, homem algum é capaz de criar e de proferir oráculos. Então, já que não é por alguma parte divina que eles falam muitas coisas belas sobre os acontecimentos, como tu a respeito de Homero, [c] mas por parte divina cada qual é capaz de compor belos poemas só naquele gênero para o qual a Musa o dirigiu: este para os ditirambos, o outro para os encômios, aquele para os hiporquemas, um outro para os poemas épicos, o outro para os jambos; e cada um deles é medíocre nos outros gêneros. Na verdade eles dizem essas coisas não por obra de uma arte mas por um poder divino, pois que se eles soubessem falar bem a respeito de uma delas por arte, com certeza saberiam falar também sobre todas as outras. Por isso, a divindade, tirando o juízo deles, usa-os como servidores, e também se serve dos oráculos e dos adivinhos inspirados [d] a fim de que nós, os ouvintes, saibamos que não são eles que falam essas coisas tão dignas de valor, pois que não lhes assiste o juízo, mas é a própria divindade que fala e se manifesta a nós através deles. E a maior prova do que afirmamos é Tínicus de Cálcis. Ele nunca escreveu nenhum outro

poema que alguém julgasse digno de memória, mas compôs o peã que todos cantam, talvez o mais belo poema lírico de todos; e o fez sem arte, como ele mesmo afirma, “um achado das Musas”. [e] Em verdade nesse episódio a divindade parece-nos demonstrar sobretudo, a fim de que não tenhamos dúvidas, que esses belos poemas não são humanos, nem são obras dos humanos, mas sim obras divinas e dos deuses, e que os poetas não são nada mais do que intérpretes dos deuses, cada um possuído por aquele deus que o domina. Para demonstrar isso é que a divindade propositadamente cantou o mais belo poema lírico através do poeta mais medíocre. [535] Por acaso não é verdade o que eu digo, Íon?

ÍON: Sim, por Zeus, eu acho; pois que com tuas palavras, tu, de algum modo, me tocas a alma, Sócrates. Parece-me que é por parte divina que os bons poetas interpretam essas coisas que vêm da parte da divindade para nós.

SÓ.: Então, vós, os rapsodos, por vossa parte interpretaís as obras dos poetas?

ÍON: Também isso é verdade.

SÓ.: Então vós vos tornais intérpretes dos intérpretes?

ÍON: Exatamente.

SÓ.: [b] Vamos, então, Íon, dize-me, sem esconder nada, em resposta à minha pergunta: quando tu recitas bem os versos épicos e impressionas muito os espectadores, quer quando cantas Odisseus saltando no pátio e se revelando aos pretendentes e espalhando as flechas diante dos pés, ou quando cantas Aquiles lançando-se contra Heitor, ou ainda quando cantas alguma passagem patética a respeito de Andrômaca ou de Hécuba ou de Príamo, quando tu recitas esses versos, tu estás em teu perfeito juízo ou tu estás fora de ti [c] e tua alma julga estar junto aos acontecimentos que ela recita, levada pelo entusiasmo, quer se passem eles em Ítaca ou em Tróia ou em qualquer que seja o local descrito pela narrativa?

ÍON: Não poderias me dar prova mais evidente, Sócrates. Com efeito, eu, quando recito alguma passagem patética, meus olhos se enchem de lágrimas, e quando recito algo terrível ou apavorante, meus cabelos ficam em pé e meu coração dispara.

SÓ.: [d] Diríamos, então, Íon, que está em pleno juízo aquele homem que, adornado de vestes coloridas e coroas de ouro, chora durante os sacrifícios e festas, sem ter perdido nenhum desses enfeites; ou se enche de medo postado diante de mais de vinte mil homens bem-intencionados a seu respeito, sem que nenhum deles queira tirar nada nem prejudicá-lo?

ÍON: De modo algum, Sócrates, por Zeus, se é para falar a verdade.

SÓ.: E tu sabes que vós provocais essas mesmas reações na maioria dos espectadores?

ÍON: [e] Claro. Eu sei muito bem. Com efeito, cada vez eu os observo do estrado, a chorar, a olhar ameaçadoramente, a sentir pavor com as minhas palavras. De fato eu preciso ficar bem atento, pois se eu os fizer chorar, eu mesmo darei risadas, ao receber dinheiro, e se eu os fizer rir, eu mesmo chorarei, perdendo dinheiro.

SÓ.: Sabes então que esse espectador é o último dos elos de que eu falava a receber a força que, sob o efeito da pedra de Heracléia, passa de um para outro? O elo do meio és tu, rapsodo e ator; e o primeiro é o poeta. [536] E a divindade, através de todos eles, arrasta a alma dos homens para onde ela quer, fazendo passar a força de uns para outros. E da mesma maneira como daquela pedra parte daí uma densa corrente de coreutas, de mestres, de submestres, dependurados obliquamente dos elos dependurados da Musa. E um poeta depende de uma Musa, outro de outra, e nós damos a isso o nome de “possuído” [*katékhetai*], o que é mais ou menos a mesma coisa porque ele está “seguro” [*ékhetai*]. [b] E desses primeiros elos, dos poetas, outros estão dependurados de outro e se enchem de entusiasmo: uns estão dependurados de Orfeu, outros de Museu, e a maioria deles está possuída e segura por Homero. E tu és um deles, Íon, e dependes de Homero; e quando alguém canta algo de um poeta qualquer, tu cochilas e não tens nada a dizer; mas quando alguém entoar qualquer composição desse poeta, tu imediatamente estás desperto e tua alma começa a dançar e tu novamente sabes o que dizes. [c] Na verdade, não é por arte ou ciência que tu falas sobre Homero, mas por possessão divina. Assim como os coribantes sentem com intensidade aquela parte do canto pela qual são possuídos pela divindade e para essa composição eles encontram facilmente palavras e gestos, não se preocupando com os outros, assim também és tu, Íon: cada vez que alguém se lembra de Homero, tu te sentes à vontade, e tens dificuldade em relação a outros poetas. [d] E tu me perguntas: qual é a causa disso? Isto é, por que tu sentes essa facilidade em relação a Homero e sentes dificuldade em relação aos outros? É que não é por alguma arte mas por dom divino que tu és um hábil cantor de Homero.

HENRIQUE GRACIANO MURACHCO*
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

* Professor de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação da FFLCH-USP.